Frutas — tecnologia e vendas em baixa

O mercado interno cresceu, o câmbio valorizou a moeda nacional e as "ilhas de tecnologia", no dizer da direção do Ibraf, diminuíram. Resultado: as vendas ao exterior caíram fortemente no ano passado, e só se recuperarão se houver uma transformação na mentalidade dos produtores/exportadores brasileiros.

Em recente entrevista a *Agroanalysis* (maio de 1996), o presidente do Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf), Jean Paul Gayet, apresentou uma visão geral da fruticultura brasileira, procurando enfatizar que seus nichos de avanço tecnológico estão rareando. Além disso, mostrou sua admiração pelo espantoso crescimento verificado na demanda interna, depois que os índices inflacionários baixaram a patamares mais palatáveis.

Essa expansão das compras do mercado interno, porém, além de acarretar a promoção do país no *ranking* dos importadores mundiais (onde o caso da maçã é o mais notável, pois os brasileiros passaram a consumir toda a sua safra da fruta, de 450 mil toneladas, em 1995, e ainda se traz do exterior algo em torno de 180 mil), também levou a menores exportações.

A perda de posição brasileira no mercado externo deve ser lamentada, também, por representar oportunidade inigualável de se tentar atingir melhores padrões de qualidade. O mercado interno sempre foi descurado, em termos qualitativos, pelo baixo nível de exigência dos consumidores. As importações eram escassas e apresentadas apenas aos compradores brasileiros de maior nível de renda.

Além do maior consumo, a sobrevalorização cambial (em torno de 15%, comparando-se os IPA do Brasil e dos EUA) e a baixa qualidade vêm reduzindo as vendas externas das frutas brasileiras. De acordo com o DTIC, o país exportou apenas 228 mil toneladas de frutas frescas no ano passado, com um recuo de 130,5 mil toneladas relativamente ao vendido em 1994. Só de laranjas, exportaram-se 20% menos, mas grandes quedas ocorreram na banana e no melão.

Apesar da diminuição quantitativa, os preços das frutas aumentaram, o que evitou que a receita de exportação caísse na mesma proporção. Verificaram-se ainda aumentos nas vendas externas de algumas frutas de menor expressão na pauta.

Exigências e decisões

Com vistas a facilitar as exportações e importações de frutas do Brasil relativas a um de seus maiores mercados, os EUA — freqüentemente obstaculizadas por restrições fitossanitárias —, o Ministério da Agricultura e o setor do Departamento de Agricultura norte-americano (USDA) encarregado da vigilância sanitária (Aphis/PPQ) promoveram um encontro em Riverdale, Maryland, entre os dias 7 e 9 de fevereiro último.

A respeito das frutas brasileiras, decidiu-se o seguinte:

Maçãs — Aceitou-se o pedido brasileiro de que não se faça um programa de pré-inspeção, pois a Inspeção Vegetal do Ministério da Agricultura iniciou um tratamento a frio nos navios em trânsito há mais de três anos (o Aphis deu treinamento a 21 inspetores brasileiros em 1991 e 1993) e desde então houve poucos problemas.

Mamão papaia — O Serviço de Pesquisa Agrícola norte-americano (ARS) concordou com protocolo de pesquisa apresentado pela USP, em que se demonstra que as pragas *Ceratitis capitata* e *Anastrepha fraterculus* não infestam os papaias verdes até 1/4 da maturação.

Limão — Uma lista completa de pragas foi submetida ao Aphis em 1994, juntamente com uma pesquisa de doenças. Propõe-se exportar de uma área livre de pragas localizada no Piauí, geograficamente isolada e com clima desértico. Há uma quarentena no interior para a proteção contra o movimento dos cítrus e porta-enxertos de áreas infestadas com cancro no Sudeste (a distância entre essas áreas é de cerca de 3 mil quilômetros). A área é nova e foi desenvolvida desde 1991, com porta-enxertos inspecionados.

Mangas — Solicitou-se ao Aphis que aprovasse um galpão adicional para o tratamento de mangas por imersão em água quente (HWT), incluindo um inspetor TDY. Os norte-americanos concordaram em aprovar um galpão adicional de HWT para Cabrobó, Pernambuco, e mais um inspetor TDY para este galpão, que será utilizado já na próxima safra, em agosto de 1996.

No que diz respeito às frutas de procedência norte-americana, acordaram-se diversas formas de tratamento, com supervisão oficial, para a eliminação de pragas e doenças, até que se realizasse nova reunião entre os dois órgãos, em junho último. Os EUA dis-

Brasil — exportações de frutas frescas
1993 a 1995 — em toneladas e US$ mil

Fruta	1993		1994		1995	
	t	US$ mil	t	US$ mil	t	US$ mil
Laranja	89.888	20.234	140.276	27.208	114.060	29.092
Tangerina	6.061	1.539	7.900	1.920	7.933	3.243
Pomelo	1.857	470	2.168	559	1.160	360
Limão	124	80	267	177	173	68
Melão	67.075	30.501	69.797	31.492	36.766	16.475
Maçã	24.170	11.797	30.146	15.046	12.084	6.190
Figo	653	857	624	921	602	1.252
Caqui	73	80	114	127	66	86
Abacaxi	35.948	10.143	22.622	6.124	10.239	3.784
Manga	18.202	19.386	13.181	17.505	12.828	22.135
Papaia	5.604	3.274	5.916	3.766	5.272	4.020
Abacate	629	258	506	234	174	148
Lima ácida	4.016	1.979	2.497	1.492	1.007	558
Coco	399	154	207	116	250	113
Goiaba	189	177	103	93	122	169
Banana	89.646	14.937	51.792	10.702	12.492	3.907
Melancia	5.048	779	3.152	524	6.103	900
Morango	460	569	123	144	40	58
Outras	32	110	876	909	143	512
Total	362.627	132.342	359.359	127.583	228.300	103.193

Fonte: Instituto Brasileiro de Frutas.

cutiram os tratamentos dados a maçãs e peras, uvas, pêssegos e cítrus.

Na reunião de fevereiro, também se discutiu o que fazer com a infestação de mosca da carambola anunciada pelo governo francês, na fronteira entre a Guiana e o Brasil, praga também encontrada no Suriname. Segundo o Aphis, um projeto de erradicação já foi montado no noroeste do Suriname e o DDIV/Maara informou que instalou armadilhas em áreas de alto risco perto das fronteiras com os dois países. Como a praga é considerada de interesse de todo o continente sul-americano, será alertado o Comitê de Sanidade Vegetal do Cone Sul (Cosave), e haverá reuniões com representantes do governo francês para a discussão do problema.

Técnicos do DDIV estiveram recentemente na Califórnia, reunidos com representantes de diversos níveis de governo, do USDA e da área privada, para conhecer as armadilhas ali empregadas no combate a diversas moscas que atacam frutas.

Este processo permanente de discussões exige atualmente que os representantes brasileiros informem a outra parte de que existem, também, exigências do Mercosul, cujos membros precisam ser informados, e será preciso consenso entre os países-membros, antes de se eliminar ou modificar qualquer requisito. Estas questões ganharão maior complexidade à medida que se ampliarem as associações à União Aduaneira, que já este ano estará tratando da aproximação com o Chile, importante exportador mundial de frutas.

A respeito da retração das vendas da fruticultura brasileira ao exterior, deve-se atentar para o que foi afirmado no mais recente boletim do Ibraf (jun./ago. 1996): "...é um erro pensar que com um desaquecimento do mercado interno poderíamos retomar o crescimento registrado nos últimos anos, voltando a atuar nos mercados externos regularmente. Um mercado se faz com regularidade, qualidade e produtos compatíveis com a demanda. Infelizmente, no Brasil, estas noções ainda não estão bem assimiladas pela maior parte dos empresários, muito embora sejam noções simples e lógicas".

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA